

A CIRCULAÇÃO DO PORTUGUÊS E DO ESPAÑHOL NA FRONTEIRA: O GLOBAL E O LOCAL NO ESPAÇO ENTRE-LÍNGUAS

THE CIRCULATION OF PORTUGUESE AND SPANISH O THE BORDER: THE GLOBAL AND THE LOCAL IN THE MIDLE-LANGUAGES

Andréa F. Weber¹

RESUMO: Este artigo reflete sobre a circulação das línguas portuguesa e espanhola no espaço de enunciação fronteiriço. Para isso, analisa a presença e disposição dessas línguas em jornais produzidos em cidades-gêmeas da fronteira brasileira com a Argentina e Uruguai. Nesses jornais, as línguas estão distribuídas de maneira desigual, a partir de estratégias de orientação social da interação, e representam as próprias divisões políticas das línguas na fronteira. Assim, pode-se pensar na transnacionalização da língua portuguesa em um espaço constituído no entre-línguas.

Palavras-chave: política de línguas; fronteira; espaços de enunciação; língua portuguesa; língua espanhola.

ABSTRACT: This article aims to think about the circulation of Portuguese and Spanish in the borderline space of enunciation. It analyzes the presence and arrangement of these languages in newspapers produced in twin cities of the Brazilian borderline with Argentina and Uruguay. In these newspapers, the languages are distributed unevenly, based on strategies of social orientation of interaction, and they represent the political divisions of languages at the borderline. Thus, one can think of transnationalization of the Portuguese in a space formed in between-languages.

Keywords: politics of languages; borderline; spaces of enunciation, Portuguese, Spanish.

INTRODUÇÃO

Na última década, tanto a língua espanhola quanto a língua portuguesa ganharam espaço no debate público, político e acadêmico em função de algumas ações políticas de promoção internacional dessas línguas. Entre elas, tiveram destaque o acordo ortográfico dos países de língua portuguesa (2008) e a lei de obrigatoriedade do ensino de espanhol na educação básica (2005). A língua é, nesses dois casos,

¹ Professora assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM/Campus Frederico Westphalen; doutoranda em Letras-Estudos Linguísticos pela UFSM.

vista como fator necessário de integração internacional, a qual se dá, notadamente, tendo em vista os eixos do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Nessa conjuntura, tais políticas de línguas atuariam especialmente como propulsoras das trocas comerciais entre os países membros desses blocos e entre os blocos e as demais potências econômicas mundiais, como demonstram o apoio do grupo espanhol Santander à implementação escolar da “Lei do Espanhol” no Brasil (VILLA; VALLE, 2008) e a intensa atuação do governo brasileiro nos países africanos nos âmbitos da educação e promoção da língua portuguesa, requerendo para si espaços antes exclusivamente lusitanos (ZOPPI-FONTANA, 2009). A reboque das questões econômicas, viriam as trocas culturais, sociais, científicas, isto é, a efetiva relação entre diferentes comunidades de falantes, a qual é responsável por agregar aos blocos de Estados o caráter de real integração.

Apesar das possíveis e plausíveis críticas ao predomínio do viés mercadológico sobre as questões das línguas, as trocas econômicas foram, historicamente, fatores propulsores da integração social e linguística na história da humanidade. Exemplo disso é a fronteira do Brasil com os países do MERCOSUL, cujos lados da linha divisória estiveram secularmente ligados pelo comércio, a ponto de, atualmente, constituírem um lugar peculiar no contexto de suas nações, seja economicamente, socialmente, culturalmente como também linguisticamente.

Neste trabalho, nosso interesse se situa no espaço linguístico-enunciativo singularmente constituído na fronteira do Brasil com a Argentina e o Uruguai, especialmente nas dinâmicas culturais e políticas inscritas nos usos das línguas espanhola e portuguesa no cotidiano dessas comunidades fronteiriças. Nesse sentido, buscamos afrentar a transnacionalização das línguas, conforme Zoppi-Fontana (2009), do ponto de vista das políticas de línguas informais, ou seja, aquelas que, em nosso caso de estudo, são produzidas cotidianamente em um contexto plurilíngue e dependentes tanto das políticas econômicas e linguísticas traçadas em âmbito global quanto das relações socioculturais conformadas localmente.

O *corpus* que analisamos está constituído de exemplares de jornais produzidos em cidades-gêmeas da fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina, nos anos de 2010 e 2011. Entendemos esses jornais como textualidades capazes de significar a presença das línguas portuguesa e espanhola internacionalmente, pela circulação de ambas em um lugar que Guimarães (2002) conceituou como “espaço de enunciação” e que é politicamente dividido para cada língua. Isso nos permite um novo olhar sobre as atuais relações entre países no MERCOSUL, o qual se dá do ponto de vista da língua, ou seja, da compreensão das políticas de línguas não só como efeitos da macro-história, mas também como construtoras locais dela.

Assim, pretende-se estudar as línguas portuguesa e espanhola enunciativamente, a partir de sua presença e modos de circulação como línguas de uso em jornais fronteiriços. Português e espanhol funcionam como línguas próximas na fronteira (STURZA; FERNANDES, 2009), e com o estudo das condições de entrada de uma língua no espaço da outra, acreditamos identificar relações de continuidade e

limite, que reproduzem, nos usos de cada uma dessas línguas, aspectos das relações vigentes no espaço sociocultural local. Para isso, referenciamos, então, neste artigo, algumas questões sobre a circulação das línguas portuguesa e espanhola na fronteira e sobre o jornalismo como lugar de representação dessa circulação. Em seguida, apresentamos nossa filiação teórica e a análise da circulação das línguas, tendo os jornais fronteiriços como materialidade discursiva. Por último, tecemos breves considerações finais sobre o tema, apontando, especialmente, aspectos importantes para futuras discussões.

1 A CIRCULAÇÃO DAS LÍNGUAS PORTUGUESA E ESPANHOLA NA FRONTEIRA

A circulação das línguas nas fronteiras lusoplatinas² diz respeito ao movimento de ir e vir das línguas em uso, nas modalidades escrita e oral, através de falantes e textos que se movem pelo espaço fronteiriço, cruzando ou não a linha divisória entre países. A circulação do espanhol e do português, nessa região, foi motivada inicialmente pelos séculos de guerra, de comércio, de negociações e ocupações de território pelas coroas portuguesa e espanhola e pelos países independentes que delas se formaram. Com o encerramento da delimitação e demarcação dos limites entre Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai no início do século XX (GARCIA, 2010), a circulação das línguas passou, cada vez mais, a acompanhar os percursos econômicos, especialmente o das trocas comerciais, fossem elas lícitas ou ilícitas (COLVERO, 2004), configurando um espaço fronteiriço peculiar que, com várias moedas, línguas, documentos e produtos, torna a fronteira um lugar de mobilidade que extrapola limites geopolíticos.

Desse modo, na história das regiões de fronteira, a economia frequentemente atuou em forte relação com as línguas, sendo estas promovidas ou rebaixadas espontaneamente de acordo com sua funcionalidade como língua veicular. Relação semelhante se observa hoje em um contexto de globalização, no qual se procura, porém, como aponta Calvet (2005), complementar a espontaneidade do processo por políticas *in vitro* de promoção de línguas. Na fronteira, a globalização da economia e as políticas linguísticas pensadas para a propulsão econômica internacional de cada país se articulam às peculiaridades do comércio fronteiriço, ao mesmo tempo local e internacional, e às necessidades linguísticas dos falantes que vivem naturalmente “entre as línguas”, nessa região.

Por essas características, concebemos a fronteira, em concordância com Grimson (1994-2003), não como periferia da nação, como um lugar de término, mas sim como um espaço com sociologia própria, marcado por confluências, tanto integradoras quanto conflitivas. Do mesmo modo, concebemos as comunidades

² Fronteira entre as ex-colônias de Portugal (Brasil) e Espanha (vice-reino do Rio da Prata, formado pelos atuais Uruguai, Argentina e Paraguai) na América do Sul.

fronteiriças como agentes locais das políticas de Estado, isto é, consideramos os sujeitos fronteiriços entes ativos na aceitação, rechaço e adaptação local de tais políticas, bem como criadores das suas próprias soluções, inclusive na ordem do linguístico.

Se as confluências que caracterizam as fronteiras são sentidas, no geral, em todos os seus pontos, elas são ainda mais intensas nas cidades-gemêas³ que se erguem ao longo da linha divisória. O Brasil possui, conforme classificação do Ministério da Integração Nacional (MIN), 27 dessas comunidades geminadas, das quais dez se localizam no estado do Rio Grande do Sul (RS), em suas divisas internacionais com Argentina e Uruguai. Neste estudo, nos concentraremos nessas dez localidades, formadas pelos municípios de Porto Xavier (Br)/ San Javier (Ar), São Borja (Br)/Santo Tomé (Ar), Itaqui (Br)/Alvear (Ar), Uruguiana (Br)/ Paso de los Libres (Ar), Barra do Quaraí (Br)/Bella Unión (Uy), Quaraí (Br)/Artigas (Uy), Santana do Livramento (Br)/Rivera (Uy), Aceguá (Br)/Aceguá (Uy), Jaguarão (Br)/Rio Branco (Uy) e Chuí (Br)/Chuy (Uy).⁴

Nosso interesse pela fronteira do RS se deve ao fato de esse estado apresentar significativo grau de integração com os países vizinhos, como atestam as próprias cidades-gêmeas, devido à sua história de posse e colonização, a qual envolveu tanto portugueses quanto espanhóis. Isso resultou em uma proximidade social e cultural que se estende também às línguas. Nesse sentido, espanhol e português funcionam, na fronteira, como línguas próximas, conforme concepção de Sturza e Fernandes (2009) para essa situação específica de contato:

Uma língua que funciona em estado de interface com a outra, pertencente a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam como tal. Ao estarem condicionadas à presença uma da outra, essas línguas se organizam politicamente para significarem a fronteira nos seus variados aspectos. (STURZA; FERNANDES, 2009, p. 212).

Guimarães (2002) explica que línguas e falantes constituem espaços de enunciação, que são espaços regulados e de disputas pela palavra e pelas línguas. Na fronteira que constitui nosso recorte, o modo de circulação das línguas portuguesa e espanhola faz com que uma língua invada o espaço de enunciação da outra, o que é propiciado pela sua própria condição de proximidade enunciativa. Esse espaço de enunciação dividido politicamente e hierarquicamente, constituído “entre línguas”, é denominado por Sturza (2006) de “espaço de enunciação fronteiriço”. Nele, segundo a autora, o modo de circulação das línguas significa as divisões políticas da enunciação na fronteira. Assim, estudar as línguas portuguesa e espanhola na fronteira Brasil-Uruguai-Argentina, no plano de suas enunciações, é compreender seu funcionamento e significação como línguas aproximadas.

³ Cidades-gêmeas constituem “localidades fronteiriças vinculadas”, “cidades contíguas”, “adensamentos populacionais cortados pela linha divisória”, de acordo com Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas. Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF, 2009.

⁴ Garruchos (Br) aparece em alguns mapas do MIN como cidade-gêmea de Garruchos (Ar), porém está ausente da listagem das 27 cidades-gêmeas brasileiras elaborada pelo próprio Ministério.

Acreditamos que, ao entender o modo como essas línguas circulam na fronteira, poderemos pensar também sua transnacionalidade, isto é, como explica Zoppi-Fontana, (2009), a projeção imaginária de uma sobre a outra, na disputa sobre a dominação histórica de um espaço de enunciação que ultrapassa o nacional. Nesse espaço fronteiriço, o entre-línguas é vivido também a partir das coberturas simbólicas e imaginárias que os falantes inscrevem às línguas, especialmente aquelas concepções que vinculam metonimicamente língua e Estado-nação. Assim, os avanços econômicos brasileiros e a transnacionalização da língua portuguesa como baluarte simbólico desse processo podem estar contribuindo para as distribuições políticas das línguas também no contexto fronteiriço.

2 O JORNALISMO COMO LUGAR DE REPRESENTAÇÃO DOS ESPAÇOS DE ENUNCIÇÃO NA FRONTEIRA

A nosso ver, jornais constituem textualidades capazes de representar os espaços de enunciação das línguas, permitindo-nos lançar um olhar sobre a configuração da circulação do espanhol e do português na fronteira, a partir da recorrência e modos de uso dessas línguas. Atualmente, todas as cidades-gêmeas da fronteira do RS com a Argentina e o Uruguai, com exceção do Chuí, possuem, no mínimo, um jornal impresso produzido na cidade, cuja periodicidade varia de diário a mensal, de acordo com o aporte econômico e populacional de cada localidade.

Nas cidades da fronteira rio-grandense, assim como a sociologia do lugar, também o jornalismo é peculiar e distinto daquele que se produz nos centros do país, conforme indica o estudo sobre o jornalismo nessa região desenvolvido por Zamin (2008). A autora mostra que as notícias sobre a fronteira, no jornalismo local, a significam como um lugar de relações naturais e cotidianas com os países vizinhos, sem os sentidos de periculosidade frequentemente mobilizados por jornais brasileiros não-fronteiriços.

O jornalismo de fronteira no RS também se distingue do jornalismo dos centros do país por ser, ao mesmo tempo, internacional e local, simultaneidade que significa em si mesma a condição de fronteiriço. Ser fronteiriço culmina em duas características principais para o jornalismo: 1) ele produz e divulga notícias sobre os países vizinhos, as quais são, a uma só vez, locais e internacionais; 2) ele produz e divulga notícias para consumidores de distintas nacionalidades, já que esses jornais cruzam a linha divisória para circular em bancas, residências, pontos comerciais “do outro lado” ou, então, são lidos por argentinos e uruguaios que se movimentam no território brasileiro.

Nossa proposta é discutir como as línguas se inscrevem enunciativamente frente a essa particularidade de funcionamento dos jornais fronteiriços, que é a condição de serem internacionais e locais ao mesmo tempo. Seleccionamos, dessa forma, um exemplar do jornal de maior circulação e tradição de cada uma dessas cidades, ficando nosso *corpus* assim constituído:

Jornal	Cidade	Fundação	Data do exemplar
A Gazeta do Povo	Porto Xavier	1993	26/11/2010
Folha de São Borja	São Borja	1971	02/07/2010
Folha de Itaqui	Itaqui	2000	17/09/2010
Diário da Fronteira	Uruguaiana	2002	15/04/2010
Folha Barrense	Barra do Quaraí	2008	15/01/2010
Folha de Quaraí	Quaraí	1978	25/03/2010
A Plateia	Santana do Livramento	1938	13/06/2010
A Folha Regional	Jaguarão	2004	23/09/2010
Manchete Regional	Aceguá	2006	01/02/2011

Quadro 1- *Corpus* de estudo

Nesses exemplares, encontramos textos em espanhol, português brasileiro e português lusitano. Essas línguas se fazem presentes em notícias, reportagens, notas, colunas de opinião e anúncios. Portanto, na fronteira, o espanhol e o português (de variante brasileira e lusitana) compõem, atualmente, a discursividade de jornais produzidos no Brasil, significando uma fronteira multicultural. Porém, tal multiculturalidade, hoje, se organiza linguisticamente em torno das línguas oficiais e nacionais dos países limítrofes, excluindo do espaço de enunciação fronteiriço outras línguas, como o francês e o italiano, que foram recorrentes em jornais da cidade de Uruguaiana até o início do século XX, conforme mostra o estudo de Sturza e Fernandes (2009).

Portanto, o transcorrer do século XX promoveu uma redistribuição das línguas no espaço de enunciação fronteiriço, excluindo dele as marcas de origem étnica de alguns povos e inscrevendo, nesse lugar político, os Estados-nação, a partir de suas línguas nacionais. Nesse processo, políticas nacionalizantes promovidas por cada país desde o seu centro governamental, como a expansão dos sistemas educativos, contribuíram para modificar o quadro da distribuição das línguas na fronteira, reduzindo a diversidade em favor da promoção das línguas do Estado. Assim, o espaço discursivo reduz-se de múltiplo para dual, no qual espanhol e português passam a funcionar como as línguas de comunicação da fronteira, pelo menos, na situação de visibilidade social do jornalismo.

Se a observação dos jornais fronteiriços atuais mostra, por um lado, a ausência de algumas línguas de imigração e a presença do espanhol e do português em suas textualidades, por outro, mostra, também, que a língua portuguesa possui espaços de inscrição maiores e destacados em relação à língua espanhola, o que torna necessário repensar esse espaço discursivo a partir da organização política das línguas que nele se inscrevem. Com esse propósito, buscaremos, a partir do diálogo com a Linguística

da Enunciação, analisar as marcas deixadas pelo sujeito-enunciador fronteiro sobre si e sobre seus interlocutores, ao organizar seu discurso em uma ou mais línguas e registrá-lo nos jornais locais.

3 SUJEITOS E INTERLOCUTORES NO DISCURSO

Para entender a circulação das línguas na fronteira e seus significados, nos inscreveremos no eixo teórico da Linguística da Enunciação, a qual se interessa por “todo mecanismo linguístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se auto-referencia no uso” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 106). A enunciação, conforme conceito de Benveniste (1988), constitui um acontecimento único e irrepetível, configurado sempre em uma relação entre enunciador e enunciatário, a partir da qual o sujeito-enunciador se manifesta na linguagem.

Como mostra Benveniste (1988), toda enunciação, até mesmo os monólogos, demanda duas figuras em relação: o sujeito-enunciador e o seu interlocutor. Para a Linguística da Enunciação, o sujeito-enunciador é a representação que o enunciado faz dele, a partir das marcas que esse sujeito deixa na materialidade linguística ao enunciar (FLORES *et al.*, 2009). Já o interlocutor pode assumir no discurso diferentes papéis, estando em situação de diálogo com o sujeito-enunciador ou sendo apenas uma imagem construída por ele através de um processo de antecipação (ORLANDI, 2009).

No jornalismo impresso, os sujeitos enunciadores se constroem com múltiplas facetas, das quais cabe destacar duas. Temos um sujeito institucional, que enuncia da posição do jornal, isto é, a partir de valores empresariais e jornalísticos, entre eles, lucro, credibilidade, independência, imparcialidade, interesse público, verdade e compromisso com a comunidade. Ele está presente nos textos noticiosos e também no título, slogan, editorial, expediente. Temos também os sujeitos que enunciam desde suas posições individuais, de seus interesses particulares, e que se fazem presentes em anúncios, classificados, colunas de opinião.

Com relação aos interlocutores, no processo de enunciação mediado pelas páginas dos jornais, por estarem enunciador e interlocutor separados no tempo e no espaço, o interlocutor se revela na enunciação a partir das marcas que o sujeito-enunciador deixa sobre ele, conforme a construção que esse sujeito tem sobre seu público leitor.

Acreditamos que as línguas presentes na materialidade linguística dos jornais fronteiros constituem marcas deixadas pelos sujeitos-enunciadores, que, por meio delas, significam a si mesmos, aos seus interlocutores e à própria fronteira enquanto espaço de enunciação.

Compartilhamos com Sturza (2006, p. 62) a concepção de que “ao enunciar nas línguas de fronteira, o falante já se significa dividido pelas línguas”, e partimos da ideia de que o sujeito fronteiro, embora seja em certa medida submetido às determinações do meio em que vive, é em outra medida, ativo nas escolhas lingüís-

ticas que efetua. Assim, concordamos com Mignolo (2003), quando o autor sustenta que os contatos culturais, especialmente entre povos de diferentes línguas e nações, produzem uma situação de linguajamento, ato em que sujeitos pensam, falam e escrevem entre línguas, utilizando fala e escrita como estratégias para orientar os domínios sociais de interação. Desse modo, os sujeitos fronteiriços deixam suas marcas na materialidade linguística, em suas enunciações, conforme a situação de interação social.

Nossas questões sobre a circulação das línguas espanhola e portuguesa na fronteira perpassam o entendimento de quais sujeitos e quais interlocutores são significados na enunciação a partir do uso de uma e outra língua, bem como a compreensão de quais sentidos políticos produzem as divisões linguístico-enunciativas presentes no espaço de enunciação fronteiriço.

4 SUJEITOS E INTERLOCUTORES NAS RELAÇÕES ENTRE-LÍNGUAS DA FRONTEIRA

Escolhemos jornais produzidos em cidades-gêmeas da fronteira, para constituição de nosso *corpus*, por entendermos que jornais constituem textualidades capazes de representar os espaços de enunciação das línguas e que as cidades-gêmeas oferecem mais possibilidades de intersecção desses espaços, por apresentarem os maiores intercâmbios econômicos, sociais e culturais entre as cidades fronteiriças. Assim, selecionamos um jornal de cada uma das nove cidades-gêmeas da fronteira do RS que possuem, atualmente, produção jornalística local.

Dividimos o item seguinte em duas partes, com base nos dois distintos sujeitos que enunciam no jornal: aquele que fala da posição institucional e aquele que fala de uma perspectiva individual, sem compromissos com a instituição jornalística. Centraremos nossa discussão nos casos em que há, no espaço enunciativo dos jornais, a presença de duas línguas, excluindo, portanto, a maioria dos jornais fronteiriços selecionados para formação de nosso *corpus*, que são redigidos hegemonicamente em língua portuguesa.

4.1 O SUJEITO INSTITUCIONAL JORNALÍSTICO: AS NOTÍCIAS

Dos nove jornais por nós mobilizados para este estudo, apenas três apresentam configuração jornalística bilíngue (português e espanhol)⁵: *Folha de Quaraí* (Quaraí), *A Plateia* (Santana do Livramento) e *Manchete Regional* (Aceguá), todos eles em municípios da fronteira Brasil-Uruguai. Vemos então que, nesses três jornais, o sujeito-enunciador, que nesse caso se configura como o jornal, é brasileiro e está enunciando tanto em português como em espanhol. Na verdade, embora situado

⁵ O que chamamos aqui de “configuração bilíngue” trata-se da presença da língua espanhola e da língua portuguesa em uma mesma edição do jornal.

no Brasil, trata-se um de enunciador entre-línguas, capaz de organizar seu discurso conforme os domínios sociais de interação que lhe são exigidos, configurando aquilo que Mignolo (2003) conceituou como o linguajamento promovido pelos contatos culturais. Ao enunciar em português e espanhol, o enunciador projeta interlocutores que falam no mínimo uma dessas duas línguas, o que, tendo em vista a configuração sociopolítica do espaço fronteiriço, pode significar serem ou uruguaios ou brasileiros.

A distribuição das línguas nesses jornais se articula a partir dos conteúdos noticiados. Assim, da totalidade de páginas de cada edição, grande parte é escrita em português, com informações sobre o mundo, sobre o Brasil e sobre a fronteira, seja ela do lado brasileiro ou do uruguaio. Uma parte menor, organizada em editoriais ou cadernos, é escrita em espanhol, com notícias que cobrem amplamente o território uruguaio, incluindo sua fronteira. Seguindo essa lógica, a *Folha de Quaraí* possui uma editoria denominada *Espanhol*; *A Plateia* mantém um caderno chamado *A Plateia en español*; e a *Manchete Regional* apresenta uma editoria intitulada *Notícias en español*.

Dessa descrição, podemos extrair, em primeiro lugar, que as línguas não estão distribuídas de maneira espacialmente igualitária nos jornais, havendo uma preponderância quantitativa expressiva da língua portuguesa. Além disso, as línguas não estão distribuídas de maneira aleatória pelo jornal, nem mescladas em uma mesma página ou notícia, como seria perfeitamente possível ao se pensar um jornal entre-línguas. Pelo contrário, cada língua está claramente separada da outra, cada uma ocupando os espaços que lhe cabem no papel e, por extensão, a nosso ver, na sociedade. Pensando com Guimarães (2002) que espaços de enunciação são espaços regulados e de disputas pela palavra e pelas línguas, poderíamos dizer que existe uma distribuição desigual de línguas no espaço de enunciação do jornal e, se a distribuição das línguas nos jornais reflete a distribuição das línguas no espaço de enunciação fronteiriço, é possível inferir que o espanhol está em desvantagem política nesse lugar, pelo menos, entre os enunciadores brasileiros.

Em segundo lugar, podemos postular, pelos nomes das secções (*Espanhol*, *A Plateia en Español* e *Notícias en español*), a referência à língua como fator de identificação de origem na fronteira: todas as editoriais e cadernos são nomeados a partir da língua nacional do país de origem das notícias. Isto é, a língua é usada como metonímia do país, pois, na verdade, se trata de notícias *uruguaias*. Interessante notar também que, na *Folha de Quaraí*, o nome da editoria cujas notícias estão em língua espanhola é enunciado em português, significando uma ruptura entre a editoria como organização institucional de um jornal brasileiro e as notícias uruguaias.

Ao enunciar em duas línguas, o sujeito-enunciador brasileiro, inicialmente, assinala um movimento de inclusão do país limítrofe, projetando um interlocutor estrangeiro e uma língua diferente da nacional. Produz, assim, um gesto institucional que dá ciência da presença da língua espanhola no espaço de enunciação oficialmente pertencente ao português brasileiro. Considerando que a imprensa, pelos valores jornalísticos que sustentam a atividade, possui, em geral, grande credibilidade social, pode-se dizer até que esse gesto, mais do que atestar a presença do espanhol, o legitima enquanto língua fronteiriça.

Por outro lado, ao criar espaços específicos e separados para cada uma das línguas no jornal, o sujeito-enunciador projeta interlocutores diferentes e divididos politicamente a partir de sua língua. Em outras palavras, o espaço de enunciação do português e do espanhol no jornal são politicamente e desigualmente divididos conforme as divisões sociais operadas pelo sujeito-enunciador em relação aos seus interlocutores.

Observando o conteúdo dessas notícias, vemos que grande parte dele remete ao “centro uruguaio”, quer dizer, aos centros econômicos, políticos e culturais do país, de onde se irradia a própria noção do que é ser uruguaio, atrelada ao construto da identidade nacional. A fronteira uruguaia, embora também presente, é representada em muito menor medida nesses cadernos e editorias, pois notícias sobre ela estão também alocadas em outras partes do jornal e enunciadas em português. Assim, vemos que o espanhol usado nos cadernos e editorias da *Folha de Quaraí*, de *A Plateia* e de *Manchete Regional* significa o Uruguai em termos de Estado Nacional, promovendo um vínculo simbólico e absoluto entre língua e Estado. A fronteira uruguaia, por sua vez, é representada, pela distribuição das línguas no jornal, ora como espaço integrante desse Estado, ora como um lugar apenas adjacente, com centros irradiadores econômicos e culturais próprios e periféricos.

No que se refere às notícias brasileiras, sejam elas provenientes dos centros do país ou da fronteira local, sua língua de enunciação é sempre o português. Desse modo, o espaço de enunciação do espanhol não comporta fatos brasileiros, mesmo que de fronteira, apesar de o espaço de enunciação do português brasileiro comportar notícias uruguaias. Assim, a representação de fronteira produzida por essa distribuição incorpora o Uruguai ao Brasil, mas não contrário. Com esse movimento, a fronteira brasileira se mantém ligada simbolicamente ao Brasil enquanto Estado-nação pelo compartilhamento da língua nacional.

4.2 O SUJEITO INDIVIDUAL: OS ANÚNCIOS

Dos nove jornais analisados, apenas dois apresentam configuração bilíngüe em espaços não-jornalísticos, neste caso, nos anúncios. Esses espaços também integram o veículo-jornal, mas se organizam a partir de um enunciador externo, cujos dizeres são agregados ao veículo com consentimento do enunciador institucional. Para marcar as diferenças entre um discurso e outro (jornalístico e individual), além das diferenças gráficas, opera-se, na textualidade jornalística, a identificação de autoria no caso do segundo.

Dos jornais fronteiriços mobilizados para este estudo, *A Plateia*, de Santana do Livramento, apresenta anúncios de serviços, imóveis e outros bens cujo enunciador está situado no Uruguai. Esses anúncios aparecem em número muito reduzido comparativamente aos anúncios brasileiros e mostram-se linguisticamente conformados por vezes em língua portuguesa, por vezes em língua espanhola. Já no jornal *A Folha Regional*, está presente apenas um anúncio de serviços de Rio Branco (Uy), em português.

No caso de *A Platéia* e de *A Folha Regional*, os sujeitos-enunciadores são uruguaios e enunciam ou em espanhol, ou em português. Aquele que enuncia em português, possivelmente, projeta um interlocutor que fala essa língua, almejando alcançar a clientela brasileira na oferta de bens e serviços. Esse sujeito opera a partir do linguajamento, substituindo a língua nacional de seu país pela língua de seus interlocutores no espaço de enunciação em que deseja fixar seu discurso, que é o espaço de enunciação do português. Acredita, com isso, ser mais bem-sucedido nas suas relações com o interlocutor, seja por projetá-lo como um falante monolíngue de português, seja por imaginar que, se inscrevendo na língua materna do outro, produzirá um efeito de empatia. Por outro lado, o sujeito-enunciador uruaio que mantém seu discurso em língua espanhola marca, assim, seu lugar de origem na interlocução tanto com falantes de espanhol como com falantes de português. Esse sujeito-enunciador, possivelmente, projeta interlocutores brasileiros com capacidade para compreender, pelo menos minimamente, o espanhol, já que anuncia (e enuncia) em um jornal brasileiro e que circula principalmente no Brasil.

A ocupação dos espaços do jornal pela língua espanhola a partir dos anúncios não obedece à rigidez demarcatória que identificamos no caso das notícias organizadas em cadernos e editoriais. O discurso do sujeito institucional jornalístico, apesar de introduzir o espanhol no espaço de enunciação do português, marca as diferenças entre as línguas e, por extensão, povos, ao criar lugares separados e devidamente identificados onde a língua espanhola pode enunciar. Já o discurso dos sujeitos uruguaios se distribui indistintamente pelas páginas do jornal, compartilhando e disputando em condições de igualdade espaços com a língua portuguesa. No discurso publicitário, conformado na textualidade dos anúncios, não há títulos de identificação para ofertas em espanhol/português ou uruguaios/brasileiras, ou seja, há uma convivência próxima e destituída de critérios de separação ou organização para as línguas.

Podemos pensar que essas diferenças enunciativas dentro do espaço do jornal se devem aos diferentes discursos nos quais anúncios e notícias se inscrevem. O discurso publicitário possibilita a livre circulação de línguas, cujos usos são regulados mercadologicamente: a língua que representa o país de maior poderio econômico também é a língua mais usada e mais cotada dentro do mercado linguístico internacional, conforme conceito de Zoppi-Fontana (2009). No sistema capitalista, os vínculos do mercado com o Estado são idealmente reduzidos ao extremo, de modo que a troca de bens materiais e simbólicos não está ligada ideologicamente a um projeto estatal, não tem compromissos diretos com ele. Já o discurso jornalístico mantém uma memória de vínculo com o Estado, pela história da imprensa como aparelho ideológico e pela própria legislação nacional que rege os meios de comunicação. Dessa forma, a disputa política das línguas pelos espaços de enunciação é regulada, no discurso publicitário, a partir da lógica do mercado, enquanto, no discurso jornalístico, ela ainda conserva traços da ideologia nacionalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois destas análises, vemos que a presença e a circulação das línguas espanhola e portuguesa como línguas próximas nos jornais de fronteira obedece a divisões políticas que localizam as línguas de maneira desigual nesses espaços. A língua portuguesa ocupa, assim, a partir dos jornais brasileiros, posição central e ampla na disposição das línguas, concedendo ao espanhol espaços mais limitados e bem demarcados. Comparando-se dois discursos dentro do jornal, tem-se que, no discurso jornalístico, essas divisões são mais marcadas que no discurso publicitário. Tais estratégias de disposição das línguas nos jornais resultam do linguajamento operado por seus enunciadores, o qual é regulado pelas projeções efetuadas na interação social, e representam a própria divisão política da enunciação na fronteira.

O *corpus* utilizado para este estudo foi explorado apenas em um pequeno recorte, que é o das ocorrências do espanhol no espaço de enunciação do português. Há nele, porém, outros fatos linguísticos interessantes, como colunas de opinião escritas em português lusitano no jornal *Diário da Fronteira*, de Uruguiana. Também não foi tratada, neste artigo, a preeminência do português enquanto língua de enunciação em seis dos nove jornais fronteiriços destacados. Essa predominância da língua portuguesa no jornalismo fronteiriço, para a qual o português lusitano serve de baluarte, é reveladora do poder político atual dessa língua no espaço de enunciação da fronteira.

É possível pensar que o crescimento econômico do Brasil, que tem levado à transnacionalização do português brasileiro, possa também estar produzindo efeitos sobre a divisão política das línguas na fronteira, com aumento de *status* para a língua portuguesa também nessa região constituída pelo entre-línguas. Historicamente, Brasil, Argentina e Uruguai mantiveram pesos políticos e econômicos parecidos na balança internacional, em sua condição de países colonizados e depois subdesenvolvidos. E, nesse contexto, a disputa linguística mostrava menores discrepâncias de poder entre os seus falantes. Porém, pode ocorrer que, com a entrada do século XXI, a prosperidade das cidades brasileiras na fronteira e a projeção internacional do Brasil, o espaço de enunciação fronteiriço (local) se constitua na interseção com o espaço de enunciação transnacional (global), e a circulação das línguas na fronteira se configure a partir de um ajuste entre o que, usando as palavras de Mignolo (2003), poderíamos chamar “histórias locais e projetos globais”.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo: Pontes, 1988.
- CALVET, Jean-Louis. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial/Ipol, 2007.
- COLVERO, Ronaldo. *Negócios na madrugada*: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.
- FLORES, Valdir; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

- FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* *Enunção e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GARCIA, Fernando Cacciotore de. *Fronteira iluminada: história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- GRIMSON, A. La producción mediática de nacionalidad en la frontera: un estudio de caso en Posadas (Argentina)-Encarnación (Paraguay). In: *MOST: Mercosur : espacios de interacción, espacios de integración*, n. 26. 1994-2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/most/grimson.htm#parana>>. Acesso em: 17 abr. 2010.
- GUIMARAES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009. 100p.
- STURZA, E.; FERNANDES, I. S. A fronteira como novo lugar de representação do espanhol no Brasil. In: *Revista Signo & Seña*, n 20, p. 209-227, 2009.
- STURZA, E. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 2006.
- VILLA, Laura; VALLE, José del. ¡Oye!: Língua e negócio entre o Brasil e a Espanha. *Calidoscópico*, v. 6, n. 1, p. 45-55, jan./abr. 2008.
- ZAMIN, A. M. *A discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. O português do Brasil como língua transnacional. In ZOPPI-FONTANA, M. G. (Org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: RG, 2009. p. 13-42